

INDICADA PARA PRÊMIO

# Mulher encara riscos da floresta

Divulgação

**A PAULISTA MURIEL SARAGOUSSI DEFENDE, HÁ 16 ANOS, O MEIO AMBIENTE COM SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA PARA OS NATIVOS**

LOREDANA KOTINSKI

“**E**u sou uma incurável otimista.” A confissão justifica o sucesso que a engenheira agrônoma e paulistana de Sorocaba Muriel Saragoussi, 42, a primeira mulher a defender a preservação do meio ambiente com sustentabilidade econômica de populações nativas, indicada para o Prêmio Claudia deste ano, vem conquistando à frente da Fundação Vitória Amazônia (FVA) desde 1997. Há 16 anos ela deixou a França, onde havia feito o doutorado em genética, para se embrenhar na floresta amazônica acreditando que poderia mudar o mundo.

Em pleno século 21, diante de uma guerra antiterrorista, ela continua pensando da mesma forma e se confessa ainda mais apaixonada pela região. “Eu escolhi viver aqui, é diferente de quem nasceu aqui e permanece por inércia. Eu me sinto daqui.”

De fala mansa e jeito despoja-

do – chinelas de borracha, cabelos ao vento e um vestido de algodão compõem seu visual –, Muriel só deixa a mulher decidida e corajosa que existe dentro dela florescer quando fala dos desafios, dos problemas e dos seus projetos para a Amazônia. E, de forma convincente, critica os políticos que nada fazem pelo meio ambiente e pelas populações amazônicas.

“A Amazônia poderia dar um exemplo para o resto do mundo. Mostrar que é possível fazer desenvolvimento respeitando a natureza. Mas precisaria de um governo disposto a isso”, afirma. Para Muriel, falta um canal de diálogo com o Governo do Estado. “Quando se fala em desenvolvimento sustentável é preci-

so se pensar a longo prazo, mas como pode um governo que fica apenas quatro anos pensar assim?”

Encantada com a “forma como as pessoas da região se relacionam”, ela

sugere que os políticos façam o mesmo. “As pessoas daqui são francas, colocam os problemas em cima da mesa e discutem”, elogia. Um exemplo para, por exemplo, o Conselho Estadual de Meio Ambiente, criado há cerca de cinco anos e que, segundo Muriel, nunca se reuniu.

“Esta seria uma forma de discussão aberta e necessária, mas não acontece”, lamenta. A engenheira agrônoma critica os que



**DECIDIDA** Muriel se diz amazônica e critica pessoas e entidades que deixam de abrir diálogo com a população da região

reclamam das acusações contra estrangeiros que querem promover o desenvolvimento na Amazônia utilizando o meio ambiente. “Nós, o povo daqui, também queremos isso. E temos todas as possibilidades para isso sem destruir o meio ambiente.”

Muriel argumenta que não existe apenas uma solução para o desenvolvimento econômico

da região. “Não podemos pensar somente no turismo, tem o artesanato de qualidade, a certificação florestal.” E, com ar de indignação, questiona o fato de não existirem no Amazonas escolas de carpintarias que ensinem a produção de qualidade e para a fabricação de produtos tipo exportação.

“Será que as pessoas vão con-

tinuar achando que temos que ser exportadores de matéria prima e de eletrônicos?”, questiona ela. Ainda assim, marcada pelos problemas que insistem em permanecer, Muriel sonha em mudar a forma de pensar das pessoas. “A gente precisa mudar o mundo, mostrar que é possível unir desenvolvimento econômico e conservação”, disse.

## Entre os 15 finalistas

A organização não-governamental Fundação Vitória Amazônia foi a primeira no Amazonas a falar e a desenvolver projetos de meio ambiente com desenvolvimento sustentável. Muriel está entre as 15 finalistas do prêmio da revista Claudia pelos relevantes serviços prestados em defesa do meio ambiente, em especial o trabalho de implantação do projeto de desenvolvimento sustentável na Reserva de Jaú, na bacia do rio Negro.

Ontem, ela seguiu para São Paulo, para a entrega do Prêmio Claudia, e pode ser a vencedora. Se ganhar o prêmio, R\$ 15 mil, será dividido com a FVA. “Esta indicação para o prêmio é resultado de um trabalho de equipe, não teria feito nada disso se não tivesse o pessoal que tenho.”

O Prêmio Claudia existe desde 1996 e premia mulheres brasileiras que tiveram destaque por seus trabalhos. A cerimônia de entrega do prêmio acontece hoje, no Teatro Alfa, e será retransmitido amanhã pelo programa Amaury Jr.

## CONTRA TODAS AS AMEAÇAS

### Trabalho dedicado no Parque do Jaú

Nem as “sutis” ameaças que sofreu nem o telefone grampeado ou os vetos sofridos no seu trabalho barraram Muriel na sua inconstante luta pelo meio ambiente. Quando trabalhava no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) – onde ficou por nove anos –, ela e outros pesquisadores tentavam formar um Departamento de Ciências Sociais e foram vetados. “Eu viajei

de férias e quando retornei tinham extinto o projeto”, conta. Pouco adiantou. Em 1989, Muriel e um grupo de pesquisadores já falavam sobre desenvolvimento sustentável no Amazonas e tentavam mudar a realidade da região. Ela continua tentando. Não é à toa que o primeiro projeto do gênero foi implantado por Muriel e sua equipe no Parque Nacional do Jaú – sob

administração do Ibama –, na bacia do rio Negro. Em uma área do tamanho do Estado de Sergipe, onde vivem 160 famílias no maior parque de conservação do Brasil e o terceiro no mundo, a Fundação Vitória Amazônia – com apenas 24 funcionários e menos de dez pesquisadores e estudantes – toca o projeto de sustentabilidade a todo vapor.

E já conseguiu resultados significativos, como a redução dos índices de mortalidade infantil, a introdução da agricultura de subsistência e a pesca manejada. E desenvolve ainda projetos de educação ambiental e de

artesanato nos Municípios de Novo Airão e Barcelos. Nem tão sutil quando o assunto é projeto, Muriel pensa alto e mesmo admitindo dificuldades para a captação de recursos que paguem os salários de funcionários e técnicos, ela quer mais. “Já estamos buscando apoio junto às empresas privadas e cada vez mais conseguir parceiros.” “É difícil falar em projetos com esse caos que está aí”, admite Muriel Saragoussi. A ambientalista forte se lamenta quando o assunto é guerra e, logo, “a queima de matéria-prima”. O motivo: “Vai aumentar a pressão no meio ambiente e a Amazônia vai acabar

pagando por isso”. Mas o esmorecimento não dura mais que um minuto. Logo Muriel enche os olhos e, se não fosse uma entrevista sobre sua carreira de ambientalista, logo pensaríamos que ela estava falando do seu único filho, um garoto de 10 anos, nascido em Manaus. “Eu acredito muito, vai dar certo e não quero parar nunca”, fala com os olhos rasos d’água. Muriel planeja, à frente da Vitória Amazônia, trabalhar com projetos socioambientais em toda a bacia do rio Negro. “É uma área enorme, eu sei, mas aos poucos chegaremos lá”, fala ela, com o ar de quem doou a vida à Amazônia.